



## CONSIDERAÇÕES SOBRE O USO DE FOTOGRAFIAS NOS ESTUDOS DAS RELAÇÕES PESSOA-AMBIENTE EM MEIO URBANO

José Antonio Gomes Albuquerque César  
(Mestrando) Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, UFRN  
joseantoniocesar@gmail.com

Gleice Virgínia Medeiros de Azambuja Elali  
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, UFRN  
gleiceae@gmail.com

### RESUMO

Os estudos das relações pessoa-ambiente (RPA) envolvem várias áreas do conhecimento, como Sociologia, Geografia Cultural, Psicologia (Ambiental), Etnoecologia, Arquitetura e Urbanismo, entre outras. A complexidade dos problemas discutidos e a intenção de que os trabalhos contemplem óticas distintas repercutem nas pesquisas na área, as quais em geral exigem abordagem multimetodológica, ou seja, a associação de vários métodos/técnicas/procedimentos escolhidos de modo a abordarem as várias facetas da problemática, contemplando as especificidades das áreas acadêmicas envolvidas. Tal estratégia se reflete nas várias etapas do trabalho, desde a sua estruturação até a mostra de resultados. Tendo com base esse entendimento, este *paper* tem o objetivo de mostrar a importância da observação e do uso de recursos visuais (fotografia, vídeo, desenho) como ferramentas de pesquisa na área das RPA, argumentando que a união da linguagem imagética à textual pode enriquecer acadêmica e artisticamente as pesquisas, acrescentando outros olhares ao trabalho científico. Em um recorte mais específico, o *paper* enfatiza o potencial do uso da fotografia no estudo da representação do ambiente – estratégia defendida a partir da ótica de vários campos do conhecimento -, e discute essa opção metodológica em si, explorando itens como observação, fotografia e etnografia visual.

**Palavras-chave:** Representação. relação pessoa-ambiente. Psicologia Ambiental. Abordagem Multimétodos. fotografia.

### ABSTRACT

**(Considerations on the photographs' use in studies of people-environment relationship in urban areas)**

Studies of person-environment relationships (PER) involve several areas of knowledge such as Sociology, Cultural Geography, Psychology (Environmental), Ethnoecology, Architecture and Urbanism, among others. The complexity of

the issues discussed and the intention to include distinct optical research in the research results, generally require multimethodological approach, ie, the combination of methods, techniques, procedures that address the various facets of the problem and answer the specific academic areas involved. This strategy is reflected in various stages of work, from its structure to show results. Having based this understanding, this paper aims to show the importance of observation and the use of visual aids (photography, video, drawing) as research tools in the area of the PER, arguing that the union of imagery language can enrich the textual academic and artistic research, adding other looks to scientific work. In a more specific cut, the paper emphasizes the potential use of photography in the study of the environment's representation - strategy advocated from the perspective of several fields of knowledge - and discusses this methodological option in itself, exploring such things as observation, photography and visual ethnography.

**Keywords:** Environmental representation; Person-environmental relationship; Environmental Psychology; Multi-methods Approach; Photography.

## 1 INTRODUÇÃO

Rio, pontes e *overdrives*,  
impressionantes estruturas de lama  
Mangue, mangue...  
(Chico Science e Nação Zumbi)

Eu fui à praia do Janga  
p'ra ver a ciranda no seu cirandar!  
O mar estava tão belo,  
um peixe amarelo  
eu vi navegar  
(Lia de Itamaracá)

Muitas são as formas de simbolizar uma realidade, grande parte das quais envolve representações das pessoas que (con)vivem (ou já conviveram) com o local, quer se trate de um lote, bairro, cidade, estado ou região. Histórias (do lugar, da família, da pessoa), música, pintura, cinema, literatura e o próprio ambiente urbano, são modos de ilustrar contextos, realidades e territórios cotidianos.

As pessoas percebem estes elementos comunicativos e os interpretam com base nas suas memórias, identidades, afetividades e cultura. Elas escrevem, lêem, cantam, tocam, pintam e filmam, enquanto refletem, entendem e explicam as experiências vivenciadas em seus espaços de vida. Portanto, as diversas maneiras das pessoas representarem o ambiente influenciam sua percepção ambiental e, por reciprocidade, são influenciadas por ela.

Os dois trechos de músicas que iniciam essa introdução fazem referência a contextos pernambucanos e traçam imagens que são compartilhadas por muitas outras pessoas. O primeiro retrata a realidade da Veneza brasileira, Recife, com suas marcas territoriais – rios e

pontes –, lembrando que a cidade foi construída sobre extensas áreas de manguezais e várzeas. O segundo refere-se a um fenômeno da cultura pernambucana, a ciranda, dançada em rodas, principalmente nas praias, neste caso, na praia do Janga, Município de Paulista. Ambos os autores vivenciam tal realidade e correspondem a modos de representação da mesma.

Segundo Ferreira (2004), a representação pode ser compreendida como “coisa que representa” ou “aquilo que a mente produz, o conteúdo concreto do que é apreendido pelos sentidos, a imaginação, a memória ou o pensamento”. Neste trabalho, compreendemos representação como o conjunto de sinais e signos que são impressos em toda sorte de comunicação, sejam eles linguísticos, textuais, artísticos e morfoespaciais, que possuem traços culturais característicos de acordo com territórios, costumes e comportamentos de determinado grupo social. Ou seja, defendemos que, além das formas acadêmicas de representação, existem outras ferramentas que podem auxiliar na interpretação dos espaços, contextos e comportamentos, apoiando o estudo das relações pessoa-ambiente (HIGUCHI & KUHNEN, 2008), as quais são imprescindíveis para o reconhecimento dos vários olhares dedicados a elucidar fenômenos relacionados à percepção ambiental.

Nesse contexto a observação e a fotografia são importantes ferramentas reconhecidas nas pesquisas antropológicas e na Psicologia Ambiental, a partir das quais é possível discutir percepção ambiental, espaços urbanos e temporalidades. Tais trabalhos podem servir de suporte para a Arquitetura e Urbanismo, rendendo estudos de caráter interdisciplinar sobre a modificação do espaço, muitos dos quais podem assumir uma abordagem multimetodológica.

Além do mais, pretende-se mostrar a arte imagética – principalmente a fotografia – como importante fomentadora de mobilização social, visto que atualmente, o avanço tecnológico e sua gradual democratização, possibilitam às pessoas retratarem o cotidiano, e outros eventos, a partir de seu ponto de vista e publica-los pelos canais comunicativos.

## **2 UMA IMAGEM OU MIL PALAVRAS?**

Pelos elementos dispostos em suas composições, as imagens carregam e traduzem contextos. Seja por fotografias, pinturas, artesanato ou nas telas dos cinemas, elas traduzem “realidades” relativizadas pelos olhos de alguém, oferecendo sentidos e exigindo a criação de significados no que é visto por outro alguém.

Neste contexto, muitos autores defendem o uso conjunto da imagem e atributos textuais.

A escolha da imagética, tanto icônica quanto textual, parte do princípio que sempre haverá alguém interpretando a realidade. Uma coisa é um signo, porque é interpretado por um intérprete, ou seja, o signo só existe quando existem seres capazes de dar significação às coisas” (ALVARENGA, 2009).

Se as imagens são feitas de pessoas para pessoas, independente da intenção, elas podem ser reconhecidas como uma ferramenta de comunicação interpessoal, pois abrigam conceitos, emoções e olhares relativos a determinadas realidades sociais, naturais, rurais, e para o caso deste material, urbanas. Dada a importância do ambiente urbano, Monteiro (2004, pág.15) considera a cidade como um tema de relevância, por se tratar de um ambiente onde as componentes naturais e sociais se interpenetram – caráter transacional, o qual pessoa e ambiente se relacionam de forma mútua – de modo tão relevante que a visão holística é requerida em termos de excelência.

Na Figura 1, por exemplo, a quantidade de informações que a imagem elucida, ao mesmo tempo em que demanda interpretações acerca do contexto, cria um rico recurso para mostrar situações do cotidiano de uma cultura (no caso, provavelmente islâmica). A largura e o calçamento das ruas, as vestimentas, o tipo de transporte, os produtos comercializados (especiarias e roupas) são sinais que a imagem nos viabiliza em “significações”.



Figura 1 – Trânsito condicionado/João Correia. Fonte: Olhares-Fotografia Online.

As “significações” são decodificadas a partir do conhecimento do leitor sobre o mundo e a história, sendo importante considerar também sua origem cultural. Todos esses fatores influenciam a maneira como olhamos e até se nos afeiçoamos à cena visualizada.

Em uma perspectiva participativa, fica clara a importância de valorizar o olhar das pessoas das pesquisas, não como objetos, mas como sujeitos/atores/diretores das mesmas, com os quais se pode montar o projeto visual em conjunto, em um processo coletivo que contemple às demandas acadêmicas e expectativas sociais.

Este processo participativo acontece de acordo com o contato e tipo de relacionamento que o pesquisador estabelece com o contexto, bem como as metodologias, no caso deste resumo, as visuais, que possibilitam outra abordagem das pesquisas urbanas. Neste sentido, a observação é o primeiro passo para adiantar projetos visuais fotográficos e fílmicos com caráter etnográfico.

“Uma imagem ou mil palavras”, pois as imagens têm o poder de aglutinar um elevado nível de informações, que estão relacionadas a contextos, “realidades” traduzidas por fotografias, filmes, pinturas ou mapas que as pessoas podem compor de acordo com suas convicções e percepções. Além do mais, as imagens pedem – até mesmo exigem – interpretações, diferentemente da linguagem textual, que no geral, fornece uma ideia, ou interpretação do exposto mais facilmente. Portanto, a imagem tem a mágica de evidenciar contextos, mas pedem significação de quem as vê, além do mais, estimulando o olhar crítico do observador e sendo mais inclusivo a diversas camadas da sociedade.

Esta pode ser uma prerrogativa aos trabalhos etnográficos com aporte visual, facilitando retorno às comunidades, sujeitos e atores da pesquisa frente aos dados que são levantados, as informações sobre seu cotidiano e possíveis contribuições para os grupos sociais que participaram da pesquisa.

### **3 IMAGEM, MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO**

Não podemos deixar de pensar que nós mesmos, em parte, e uma maioria, totalmente, estamos formando nossa inteligibilidade do mundo a partir das imagens. (ALMEIDA, 2001)

Vários autores indicam que as imagens podem ser utilizadas para estabelecer pontes interdisciplinares (entre outros: Pino, 2006; Silva, 2005; Zanzela, 2006). Na relação entre Arquitetura, Urbanismo e História, por exemplo, Silva (2005) argumenta que as imagens antigas podem reconstituir uma situação representando o mundo edificado e natural existente naquele local em um dado momento, o que torna o exame da produção imagética uma importante ferramenta de estudo sobre o olhar do homem diante do ambiente.

Argumentando que a humanidade, desde os primórdios, vem utilizando-se da produção e reprodução imagética para exprimir o lúdico, o sacro, o mítico, o real, o sentimento, Barros (2003), afirma que a perspectiva interdisciplinar permite entender a imagem como olhar, significação e sentido vinculados às representações mentais e às práticas sociais.

Apesar desse entendimento, a prática acadêmica só recentemente passou a incorporar a imagem em suas pesquisas, ainda adotando uma postura focada na linguagem textual, relegando, muitas vezes dando, um caráter meramente ilustrativo às imagens.

Durante um longo tempo os profissionais das ciências humanas foram fiéis aos documentos escritos e desconfiavam das imagens como recurso que pudesse trazer informações. Desta maneira, deixavam para as imagens apenas o papel de ilustrar o que o texto apresentava. Posteriormente, houve uma abertura para diferentes temas e ferramentas de trabalho e estas fontes ganharam outro estatuto e uso dentro da pesquisa (SILVA, 2005).

A tela que segue (Figura 2) representa uma visão de Itamaracá-Pernambuco em 1637, época em que Frans Post a pintou. Nela, o artista não apenas situa a paisagem, mas aponta um pouco do contexto sociocultural, marcado pela escravidão, engenhos, além da beleza cênica dessa que é umas das principais regiões do estado em termos históricos e turísticos.

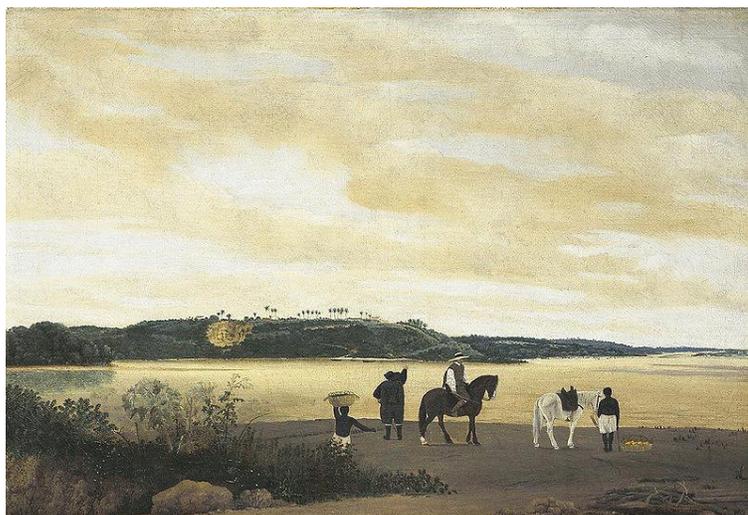


Figura 2 – Vista de Itamaracá – óleo sobre tela/Frans Post. Fonte: Mauritshuis, Haia, Países Baixos.

Analisando as imagens apresentadas nas telas de Post, Silva (2005) comenta que elas representam a paisagem macro das vilas e cidades que compunham a colônia Holandesa no Brasil, indicando que o pintor foi responsável por apresentar o vasto universo do Novo Mundo

aos olhos dos europeus. Impõe-se, assim, não apenas valorizar a tela como um maravilhoso trabalho artístico, mas entendê-lo como uma representação de uma realidade, como um documento passível de inúmeras (re)leituras.

A complexidade do estudo sobre as representações deve-se, principalmente, à diversidade de contextos culturais, nos quais estas se inserem e à variedade de compreensões e interpretações sobre elas. As representações são culturalmente formadas, balizando complexas interações humanas, em particular suas práticas espacio-temporais. Entretanto, não se busca compreender as manifestações culturais em seu sentido estrito – teatro, televisão, cinema, vídeo, literatura, fotografia, etc. –, mas a relação dessas manifestações com as vivências e o cotidiano nas relações humanas e no contexto social, econômico e político do seu tempo (VALENÇA & COSTA, 2005).

## **4 METODOLOGIAS VISUAIS**

Entre as metodologias visuais, enfocaremos aquelas que podem melhor se articular à Arquitetura e ao Urbanismo (campo de conhecimento desse evento), como sejam, a observação, a fotografia e a pesquisa etnográfica, como segue.

### **4.1 Observação, pois quase tudo começa com o “Olhar”**

O olhar atento pode desvendar alguns mistérios. É impossível falar de métodos visuais, sem falar da observação, um importante método nos estudos da relação pessoa-ambiente, que pressupõe presenciar um comportamento humano frente ao ambiente e a determinados fenômenos do cotidiano. Portanto, é começando pela observação atenta aos fenômenos em uma comunidade, vizinhança, bairro ou cidade, que se podem iniciar outros métodos visuais, como o uso de fotografias.

Neste sentido, o contato do pesquisador com os sujeitos ou atores da pesquisa (mais do que objetos) pode indicar os rumos da investigação. Dito isso, parte-se para o fato da observação ser diferenciada em dois tipos: participante e direta (ALBUQUERQUE & LUCENA, 2004). De acordo com estes autores, na observação participante, como o próprio nome diz, o pesquisador participa do cotidiano de determinada população, desde que este tenha sido “aceito” ou reconhecido como membro da mesma, sendo necessário estabelecer vínculo e adquirir a confiança dos locais.

A observação participante é primeiramente adotada por um dos grandes nomes da Antropologia visual, Nicolau Malinowsky, que em suas pesquisas fotográficas, convivia com a comunidade em seu cotidiano, aparecendo em algumas de suas fotografias para mostrar-se presente inserido na comunidade.

Entretanto, é importante que o pesquisador, ao adotar a observação participante, esteja atento ao envolvimento com os atores/diretores, para que a pesquisa não conflua em posturas tendenciosas, podendo ser distorcida, até mesmo enviezada. Lembrando que a presença do pesquisador pode “desnaturalizar” fenômenos em sua espontaneidade, mas confere um maior contato entre os universos acadêmicos e sociais.

Em contraste, a observação direta ou não-participante (ALBUQUERQUE & LUCENA, 2004) conta com um menor envolvimento do pesquisador com a população. Neste caso, existe contato entre sujeito e pesquisador, mas este não participa diretamente das atividades e dos eventos cotidianos, limitando-se apenas a observar o que acontece e registrar o que interessa para a investigação. Embora o pesquisador seja aceito ou esteja no entorno, como ponto negativo, pode ocasionar uma pesquisa menos profunda, pois muitas vezes o investigador não se “mistura” ou dissolve no contexto, e determinadas nuances permanecem não abordadas.

O pesquisador que realiza uma observação atenta, depois de estabelecida a relação de confiança, abre portas para fotografias, em seus enquadramentos, ângulos, cores e movimentos. Entretanto, não se pode esquecer a sensibilidade do olhar que o pesquisador precisa para captar os fenômenos nos momentos certos, no lugar certo.

#### **4.2 Fotografia: Como dizer sem mostrar?**

Fotografar não é um problema, mas registrar os fenômenos e acontecimentos de uma determinada cultura, vizinhança, vila ou processo urbano demanda um mínimo de controle técnico da câmera, além do olhar atento para captar as imagens que possam ser utilizadas para representar contextos, transmitir informações e gerar interpretações.

Seguindo este raciocínio, vejamos o que Soares e Suzuki afirmam:

O ato de fotografar não requer o conhecimento amplo de elaborados conceitos e técnicas profissionais para um bom registro daquilo que se pretende fotografar. A fotografia como arte possui grande beleza estética e sua visualização, qualquer que seja o momento, transmite ao observador esta beleza que o fotógrafo inseriu nela no momento de seu registro. Fotografias elaboradas com cuidados estéticos, oriundas da pintura, podem em muitos momentos ser registros belíssimos enquanto arte e ao mesmo

tempo ter importante significado subjetivo para o fotógrafo. Fotografar de forma eficiente não significa, necessariamente, fotografar sob o rígido plano de regras profissional e prescritivo (SOARES & SUZUKI, 2009).

Higuchi e Kuhnen (2008) propõem que a fotografia se mostra um método de estudo frutífero na investigação das representações ambientais subjacentes às práticas ecológicas. O desvendar por meio da fotografia pode apontar aspectos relevantes para a compreensão da relação humano-ambiente.

As narrativas fotográficas e descritivas de um determinado ambiente urbano, situando processos urbanos, podem contribuir como norteadoras do entendimento da “construção social do espaço”. Desta forma, as fotografias possibilitam compreender as formas de criação, representação e percepção dos espaços como meio de diferenciação de grupos sociais distintos.

A fotografia utilizada inicialmente nos estudos etnográficos tinha um caráter de contrastar povos de diferentes países, principalmente entre 1860 e 1870, foi assumida por alguns autores como tendenciosa ao processo da evolução humana. Neste caso, viam uma linhagem dos menos “evoluídos”, povos com características rudes, e mais “evoluídos”, aqueles que viviam na civilização urbana ou já haviam experimentado da ciência e da revolução industrial (Marien, 2006).

A fotografia utilizada nas ciências humanas pode transmitir informações preciosas e importantes para aqueles que visitam pela primeira vez comunidades distantes, locais desconhecidos ou sobre tradições e culturas diferentes do meio urbano, já que permite recompor sentidos com imagens, cenas e momentos guardados na memória (SOARES e SUZUKI, 2009). Esta memória pode ser em primeira ordem do pesquisador, ou partindo da comunidade com o pesquisador, em um processo de Antropologia compartilhada.

Em relação à Arquitetura e Urbanismo, sendo formas de arte de construção do edifício e da cidade consecutivamente, a fotografia pode demonstrar detalhes e olhares. Vejamos:

A imagem fotográfica da Arquitetura tornou-se fundamental para a percepção do espaço arquitetônico. Pois a Arquitetura é hoje, conhecida, divulgada e interpretada através de imagens fotográficas, assim como sua concepção é, em grande medida, condicionada por uma percepção, também fotográfica (CARVALHO E WOLFF 2008).

Logo, se o registro fotográfico da paisagem acima for realizado ao longo de um determinado tempo, podem-se inferir os principais padrões de comportamento no uso do espaço urbano,

representando formas de uso, requerindo interpretação e podendo servir para usuários/gestores urbanos tomarem ações para futuras reformas.

Como observado nos últimos parágrafos, foram citadas diversas experiências e contextos temporais como ritmos, presente (como está) e futuro (como os atores podem deixar o espaço), o que nos remete a outro tópico a ser tratado sobre as fotografias: seu tempo.

#### **4.2.1 O tempo fotográfico**

Como podemos falar da fotografia sem tempo? Na verdade, todos os processos humanos, embora estejam situados espacialmente, apresentam o tempo como componente marcante das experiências pessoais, sociais da realidade. Assim de certa maneira, mesmo que seja uma pausa, um “momento histórico”, a fotografia não é estática, apresentando uma perspectiva temporal intrínseca. As imagens apresentam diversas características temporais, desde simples idades ou tempos de vida, até ritmos, horários, ciclos complexos que podem aparecer nos componentes da imagem.

A fotografia *per si* não é um processo estático, pois sua composição conta com experiência, experiência de manuseio da câmera – mais importante ainda, a sensibilidade e o olhar do fotógrafo que se refinam com o tempo. Além das perspectivas em longo prazo, quando se estabelece maior contato (até vínculo) com um determinado espaço e os atores e sujeitos locais; ou curto prazo, no contato pontual com espaços que possibilita um olhar singelo e cheio de significados.

Portanto, os tempos fotográficos começam desde quem está à frente da câmera, o autor da imagem – história, vivência, contexto cultural –, passando pelo ato de fotografar, o que conta com sensibilidade ao olhar e composição da imagem, e a fotografia em si, que pode estar pronta ou ser editada. Além desses compassos temporais, o momento mais importante, a visualização das fotografias, quando a percepção de quem vê e a interpretação ocorrem de acordo com histórias, concepções pessoais e contextos socioculturais, promovendo a leitura da imagem de maneira única, além da possibilidade de esta imagem influenciar para o resto de suas vidas.

Além disso, é importante atentar para o poder temporal da fotografia. Ela não é estática como afirmado anteriormente, ao contrário, proporciona um equilíbrio dinâmico, passível de ser rompido e restabelecido, visto que os tempos das imagens nos mostram “realidades”,

cotidianos, e até inferências sobre os ritmos acelerados das grandes metrópoles. Como exemplo, vejamos a imagem apresentada na Figura 3. Quantos tempos estão representados nela? Quantos destes tempos somos capazes de perceber? A placa que anuncia a luta livre no dia 8 de maio (um sábado), os carros em movimento, as pessoas andando, os sinais de trânsito horizontais, os prédios, a organização das ruas, nesta foto, cada um desses aspectos (e muitos outros) possui temporalidade e a transmite à pessoa que olha a cena, mesmo que a imagem aparente ser/estar estática.



Figura 3 – Sem título/Hernâni Faustino. Fonte: Olhares-Fotografia Online

### 4.3 Pesquisa etnográfica

Para as ciências sociais, o uso de imagens tem se mostrado interessante, promovendo comunicação entre as linguagens verbal/textual e não-verbal/imagética. Diversas pesquisas antropológicas utilizam fotografias, não apenas como ilustrações, mas como uma peça chave para a observação e compreensão de contextos socioculturais (FREIRE, 2006), tendo como base um caráter documental, de modo que ao invés de uma descrição *com* imagens, corresponde a uma descrição *de* imagens.

Concebida como "método" ou "rito de passagem" na formação dos especialistas ou, ainda, como a "técnica" de coleta de dados, a pesquisa de campo é o procedimento básico da Antropologia há um século. A partir dela se desenvolveu o método etnográfico que, para o estudo de culturas e contextos, exige aporte de observação, anotações, discursos livres, formulários, fotografias e toda uma sorte de ferramentas metodológicas. De acordo com Peirano

(1992), é relativamente recente (desde 1920) o entendimento da pesquisa de campo como uma imersão no universo social e cosmológico do "outro".

Para pesquisa etnográfica é praticamente indispensável à pesquisa de campo, mais ainda a observação dos fenômenos, logo, segue-se este trabalho com uma pequena abordagem sobre a observação, da qual podemos “capturar” imagens dos contextos socioambientais e realizar/compor o trabalho etnográfico urbano.

Entre os trabalhos Etnográficos visuais considerados clássicos estão ‘Os Argonautas do Pacífico Ocidental’ (MALINOWSKI, 1976) e ‘*Balinese Character*’ (MEAD & BATESON, 1942). No primeiro, embora o autor seja o precursor da observação participante, em seu livro *Coral Gardens and Their Magic*, de 1966, ele reconhece que a fotografia possuía um caráter meramente ilustrativo na pesquisa. O segundo trabalho tornou-se pioneiro ao utilizar a fotografia como parte indispensável para o entendimento do cotidiano dos balineses, e não apenas como ilustração (FERNANDES, 2009).

Por sua vez, Soares e Suzuki (2009) afirmam que a fotografia é uma técnica amplamente difundida e utilizada na sociologia e na antropologia, tanto para *complementação* de idas a campo, como forma *direta* para o estudo de grupos étnicos (etnografia), de símbolos (iconografia) ou o significado destes símbolos (iconologia). Em uma perspectiva interdisciplinar, estes métodos visuais têm a contribuir para disciplinas relacionadas à Arquitetura e ao Urbanismo, visto que existe um caráter de representação na arte de construir um edifício ou de “edificar” uma cidade que, de modo similar á arte de compor uma fotografia, situa contextos e realidades.

## 5 ALGUNS EXEMPLOS

A título de exemplos, seguem algumas fotografias captadas em pesquisas, incursões fotográficas e intervenções em meio urbano, acompanhadas por breves comentários. Elas apresentam conteúdo crítico-informativo sobre o contexto urbano, como, entre outras, suas características históricas, as paisagens ou ações de ativismo. Além de mostrarem a realidade vivenciada por seus usuários, as fotos também sinalizam a representação do espaço urbano em sua pluralidade, constituindo oportunidades para a expressão de opiniões e direitos.

Na Figura 4 a Igreja de São Pedro em Olinda-PE, admirada desde a Sé, com vegetação ainda restante do sítio histórico, onde a arquitetura antiga é conservada e entra em contraste com o novo. As embarcações de 1752, quando foi inaugurada, trocadas pelos cargueiros atuais que se dirigem para os Portos do Recife e de Suape. A igreja é um dos símbolos religiosos que representam o acervo arquitetônico, além de marco para momentos do carnaval, visto que em sua “ladeira”, descem blocos tradicionais durante a festa democrática do frevo.



Figura 4 – São Pedro de Olinda pela Sé. Fonte: Acervo do autor (1)

Buscando impressões de fenômenos sociourbanos, a fotografia da Figura 5 mostra caminhos, democracia nas formas de locomoção (pedestre, ciclista, veículo motorizado, etc.), quem sabe ritmos e atitudes cotidianas. A opção pelo corredor de árvores em detrimento da calçada “estéril” do outro lado da rua pode ser uma busca para amenizar a passagem do tempo e do calor da caminhada, ou, mais profundamente, um ambiente arborizado pode transmitir um caráter restaurador aos usuários pedestres e ciclistas deste trecho.

A imagem apresentada na Figura 6 mostra que as pessoas podem passar várias vezes por certos locais em seu cotidiano e nem se dar conta do que as cerca. Observar atentamente pode ser a chave para descobrir caminhos, sentidos e desejos *no* seguir em frente e ter força para a vida pessoal e profissional. O bom pesquisador precisa de uma observação atenta. O que o está rodeando? O que pode ter conexão com seu contexto pessoal e acadêmico?



Figura 5 – Caminhando para onde? Fonte: Acervo do autor (1)



Figura 6 – AmaRGuRaS Da ViDa/Isabel Cruz. Fonte: Olhares-Fotografia Online

A foto apresentada na Figura 7 retrata um manifesto contra a alteração do Código Florestal Brasileiro que foi idealizado por ONG's, lideranças políticas e ambientalistas, e realizado em janeiro de 2011, no centro da cidade do Recife-PE, espaço plural de eventos da comunidade no cotidiano. A imagem proporciona em primeiro plano o grito de uma pescadora contra a atitude da bancada ruralista do Congresso Nacional que defende o aumento na degradação de ambientes naturais, afetando ciclos ecológicos, pondo em risco vidas e a segurança ambiental de áreas rurais e urbanas. A cidade, nesse contexto, é palco de expressões, representações orais do cotidiano e um local onde, quase sempre, podemos expor nossas opiniões.



Figura 7 – Grito. Fonte: Acervo do autor (1)

Assumindo esse mesmo caráter, a Figura 8 traz outro manifesto, desta vez a favor de uma mobilidade urbana baseada na democracia e respeito à vida humana nos grandes centros urbanos. Trata-se de uma manifestação chamada Bicletada, que preconiza o uso da bicicleta nas grandes capitais do mundo, e se originou do movimento Massa Crítica – do original *Critical Mass* –, uma "coincidência organizada" que começou a tomar as ruas de São Francisco-EUA no início dos anos 90.



Figura 8 – Bicletada pela paz no trânsito. Fonte: Acervo do autor (1)

A fotografia foi (e é) importante para estas duas imagens, pois evidencia o caráter documental de eventos que contam com a atuação dos cidadãos no palco interativo que é a cidade, no qual problemas aparecem, são percebidos e requerem interferências para que sejam transformados em melhores situações. Esse contínuo jogo de relações entre as pessoas e o ambiente - que acontece em um contexto que, muitas vezes, obriga intervenções repletas de significados, expectativas e ações - está presente na fotografia. Nesse caso, o ambiente influencia a ação popular e esta imprime uma reorganização ambiental, caracterizando o caráter transacional da interação pessoa-ambiente.

Na Figura 9 é perceptível o espelho que se transforma um trecho do Rio Capibaribe, o maior da cidade do Recife, refletindo as novas torres que fazem parte da cena de ocupação do espaço urbano. Este trecho é protegido pela Lei dos Doze Bairros (Lei Nº 16.719/2001) que cria uma Área de Reestruturação Urbana (ARU), com aporte a diretrizes que indicam a maneira de uso e ocupação do solo, tendo como um de seus objetivos “definir e proteger áreas que serão objeto de tratamento especial em função das condições ambientais, do valor paisagístico, histórico e cultural e da condição sócio-econômica de seus habitantes”.



Figura 9 – O espelho Capibaribe. Fonte: Acervo do autor (1)

A fotografia mostra o reflexo das luzes na realidade, sinalizando tanto o belo quanto o grotesco, bem como a atuação dos indivíduos a qual, por sua vez, está baseada na reciprocidade das suas relações com o ambiente. Assim, certamente, além de ser influenciada por essa relação, a imagem influencia como vemos, interagimos e moldamos o meio urbano.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O recurso imagético pode contribuir para pesquisas interdisciplinares de acordo com a riqueza e diversidade decorrentes da interação entre as linguagens imagéticas e textuais. Estas integrações podem servir para a construção de um panorama mais completo nos estudos dos fenômenos humanos, tentando responder às suas perguntas, de forma que estejam relacionadas e relativizem diversas áreas de conhecimento científico na academia.

Diante do exposto neste trabalho, pode-se avaliar que existem diversas maneiras de representar culturas, sociedades e espaços urbanos, que variam de caráter artístico a acadêmico, ou que assuma estas perspectivas simultaneamente. Música, poesia, artesanato, literatura, telas, vídeos e fotografias são ferramentas a ser inseridas em algumas das áreas científicas, principalmente as de abordagem sociológica, antropológica, geográfica e Arquitetura e Urbanismo.

A percepção e a construção interpretativa das imagens contam com o contexto cultural das pessoas, bem como o “estado de espírito” das mesmas, que reconhecem nas fotografias mensagens e significados, a partir da composição imagética e dos elementos dispostos captados pelo olhar do fotógrafo.

Neste sentido, as imagens urbanas despertam a percepção de quem as vivencia ou não, a medida que marcam um determinado cenário cultural e rotinas dos viventes e determinada região. Estes “cenários” estão repletos de tempos, devido ao caráter dinâmico da fotografia, e necessitam um olhar atento, agraciado pela observação com sensibilidade e atenção, a fim de se captar momentos que possam ser fundamentais para o entendimento do que pode vir exposto na linguagem textual. Dito isso, continuo com a união das linguagens visuais e escritas, que em conjunto podem oferecer um melhor panorama dos fenômenos socioculturais, arquitetônicos e urbanísticos.

Como comentário final, retomemos as muitas imagens trazidas para esse artigo. Nele, tanto as telas de Frans Post (que representou imageticamente o complexo sistema social, econômico e ambiental constituinte do novo continente) quanto às fotografias (com suas denúncias, abordagens artísticas e documentais), indicam a importância de se reconhecer que a imagem apresenta potencial informativo e interpretativo esplendoroso. Intencional ou instintivamente, seus autores (o pintor ou os fotógrafos) propõem uma leitura imagética à pessoa que observa a

imagem e se transporta para aquele contexto. Tal leitura está baseada em múltiplos contextos (pessoais e socioambientais), em realidades e em dinâmicas alicerçadas em suas épocas (tempos), com referência tanto no autor quanto no expectador. Reside justamente nesse jogo de significados a beleza e a grandeza da imagem e suas (re)leituras, o que justifica a importância de uni-la ao texto como maneira de enriquecer as informações e facilitar a compreensão das relações pessoa-ambiente em meio urbano.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P. **Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobotânica**. Recife: Livro Rápido/NUPEEA, 2004.
- ALMEIDA, M. J. A. **Imagens e sons – a nova cultura oral**. São Paulo: Editora Cortez, 1994.
- ALVARENGA, L. Imagem, memória e identidade: uma etnografia visual da Vila de Itaúnas/ES. In: III Semana de Pesquisa em Artes-Arte, Religião e Tradições. UERJ, 2009. Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos da III Semana de Pesquisa em Artes**.
- ARAÚJO, M. C. C. **Uma viagem insólita: De um território pesqueiro a um “paraíso” turístico – Pipa/RN**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo – PPGAU UFRN), 2002.
- BARROS, A. M. **Práticas Discursivas ao Olhar – Notas sobre a vidência e a cegueira na formação do pedagogo**. 2. ed. Rio de Janeiro. E-Papers Serviços Editoriais, 2003.
- CARVALHO, M. C. W.; WOLF, S. F. S. Arquitetura e fotografia no Séc. XIX. In FABRIS, A. (org.). **Fotografias: Usos e Funções no Séc. XIX**. 2 ed. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- CORREIA, J. Trânsito condicionado. **Olhares-Fotografia Online**. Disponível em: < [http://br.olhares.com/transito\\_condicionado\\_foto4279003.html](http://br.olhares.com/transito_condicionado_foto4279003.html)>. Acesso em: 30 nov. 2010.
- COSTA, M. H. B. V. As paisagens urbanas e o imaginário fílmico. In VALENÇA, M. M.; COSTA, M. H. B. V. (org.). **Espaço, cultura e representação** – Natal, RN : EDUFRN – Editora da UFRN, págs. 81-96, 2005.
- CRUZ, I. Amarguras da vida. **Olhares-Fotografias Online**. Disponível em: < [http://br.olhares.com/amarguras\\_da\\_vida\\_foto3872971.html](http://br.olhares.com/amarguras_da_vida_foto3872971.html)>. Acesso em: 30 nov. 2010.
- FAUSTINO, H. Sem título. **Olhares-Fotografias Online**. Disponível em: < [http://br.olhares.com/st\\_foto3747330.html](http://br.olhares.com/st_foto3747330.html)>. Acesso em: 30 nov. 2010.

FERNANDES, H. J. C. **Etnografia visual das mangabeiras nas matas dos tabuleiros costeiros**. 2009. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)– UFRN, Natal, 2009.

FERREIRA, A. B. H. **Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa**. 6 ed. Curitiba: Positivo, 2004.

GROISMAN, A. *Fotografia e fotografar: paradigmas, artefatos e artifícios sociais e relacionais*. In: Lenzi, J. H. C.; Roz, S.Z.; SOUZA, A. M. A.; GONÇALVES, M. M. (Orgs.) **Imagem: intervenção e pesquisa**. Florianópolis: EdUFSC, 2006. pp. 121-138.

Recife, Lei Nº 16.719 de 2001. Lei da Área de Reestruturação Urbana (ARU). **Lei de Uso e Ocupação do Solo da cidade do Recife**.

PINO, A. *Imagem, mídia e significações*. In: Lenzi, J. H. C.; Roz, S.Z.; SOUZA, A. M. A.; GONÇALVES, M. M. (Orgs.) **Imagem: intervenção e pesquisa**. Florianópolis: EdUFSC, 2006. pp. 27-38.

POST, F. **Vista de Itamaracá**. 1637. Óleo sobre tela Disponível em: <<http://www.mauritshuis.nl/index.aspx?FilterId=988&ChapterId=2346&ContentId=17501>>. Acesso em: 26 mar. 2011.

FREIRE, M. Gregory Bateson, Margaret Mead e o caráter balinês. Notas sobre os procedimentos de observação fotográfica em *Balinese Character: A Photographic Analysis*. **ALCEU**, v.7, n.13, p. 60 a 72, jul./dez 2006.

HIGUCHI, M. I. G.; KUHNNEN, A. Percepção e Representação Ambiental – Métodos e Técnicas de Investigação para a Educação Ambiental. In GUNTHER, H.; PINHEIRO, J. Q. **Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente**. Ed.Casa do Psicólogo, 2008.

PEIRANO, M. G. S. A favor da Etnografia. Brasília, **SÉRIE ANTROPOLOGIA** –130, Brasília, 1992. Disponível em: <[http://vsites.unb.br/ics/dan/serie\\_antro.htm](http://vsites.unb.br/ics/dan/serie_antro.htm)>. Acesso em: 10 dez. 2010.

MARIEN, M. W. **Photography: A cultural history**. Laurence King Publishing, 2006.

MONTEIRO, C. A. F. A cidade desencantada – entre a fundamentação geográfica e a imaginação artística. In MENDONÇA, F. (org.). **Impactos socioambientais urbanos**. Curitiba : Ed. UFPR, págs. 13-78, 2004.

SILVA, M. A. Desenhos de territórios: revendo antias vilas e cidades através das imagens. In VALENÇA, M. M. e COSTA, M. H. B. V. (org.). **Espaço, cultura e representação** – Natal, RN : EDUFRN – Editora da UFRN, págs. 7-28, 2005.

SOARES, F. C.; SUZUKI, J. C. Fotografia e história oral: Imagem e memória na pesquisa com comunidades tradicionais. In: V Encontro de Grupos de Pesquisa Agricultura, Desenvolvimento Regional e Transformações Socioespaciais. UFSM, 2009. **Anais do V Encontro de Grupos de**

*II Seminário Internacional Urbicentros – Construir, Reconstruir, Desconstruir: morte e vida de centros urbanos Maceió (AL), 27 de setembro a 1º de outubro de 2011*

**Pesquisa Agricultura, Desenvolvimento Regional e Transformações Socioespaciais,** UFSM, 2009.

VALENÇA, Márcio M.; COSTA, Maria H. B. V. Apresentação temática. In \_\_\_\_\_ (orgs.). **Espaço, cultura e representação** – Natal, RN : EDUFRN – Editora da UFRN, págs. 5-6, 2005.

VENTURA, M. Viagens na terra do Asterix, **Olhares-Fotografia Online**. Disponível em: <[http://br.olhares.com/viagens\\_na\\_terra\\_do\\_asterix\\_foto4238401.html](http://br.olhares.com/viagens_na_terra_do_asterix_foto4238401.html)>. Acesso em: 30 nov. 2010.

ZANZELLA, A. V.. *Sobre Olhos, olhares e seu processo de (re)produção*. In: Lenzi, J. H. C.; Roz, S.Z.; SOUZA, A. M. A.; GONÇALVES, M. M. (Orgs.) **Imagem: intervenção e pesquisa**. Florianópolis: EdUFSC, 2006. pp. 139-150.